

CAJAIBA, Claudio. Teatro e Recepção nas Escolas Públicas de Salvador. Salvador: Universidade Federal da Bahia; Professor Adjunto II; Coordenador do Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas.

RESUMO

Trata-se de uma abordagem que objetiva discutir os princípios da teoria da recepção dentro do projeto “Teatro e Recepção nas Escolas Públicas de Salvador”, realizado dentro do Programa Interinstitucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID, financiado pela CAPES, em três escolas da rede estadual de ensino soteropolitana. A discussão levará em consideração os aspectos teóricos e práticos relacionados ao projeto.

Palavras-chave: Teatro. Recepção. Apreciação.

RÉSUMÉ

Cette travaille a la intention de mettre en discussion la theorie de la reception au midi du Project “Theatre et reception dans les écoles publiques de Salvador de Bahia” que vein d’être réalisé au PIBID- programme institucionele de burse d’initiation au enseignement, mantenu par la CAPES, et que est en train de se réalisé em trois diferentes écoles secondaires de l’etat de Bahia a Salvador. La discussion veut mettre em question d’aspects théoriques et pratiques em rapport au Project.

Mots clés: Theatre. Reception.

Esta comunicação, com forma híbrida de relato e de artigo, visa discutir as características do ensino de teatro e os fatores de sua consolidação como área autônoma do conhecimento, especialmente por meio dos princípios da teoria da recepção dentro do projeto “Teatro e Recepção nas Escolas Públicas de Salvador”.

Consta no *website* da CAPES (www.capes.gov.br) a seguinte declaração do Ministro da Educação, Fernando Haddad, relacionada ao Programa Interinstitucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), publicada pela Assessoria de Imprensa no dia 15 de julho de 2011: “O PIBID é um dos programas mais relevantes à educação básica atualmente. Ao aproximar a universidade da escola pública, as duas se transformam: o jovem docente adquire experiência e a escola é incitada a repensar seu projeto pedagógico”.

Criado na condição de edital provisório e transformado em pouco tempo em fluxo contínuo, o Programa surgiu como uma possibilidade de estreitar o vínculo dos alunos das licenciaturas com as escolas públicas do país.

Desde de 2010 coordeno o referido projeto por meio do PIBID, e a ação de 24 bolsistas e três supervisores, em três Escolas de Salvador: o colégio Deputado Manoel Novaes, o Colégio Estadual da Bahia e o Colégio Odorico Tavares. No projeto original constam as seguintes metas:

1. Organizar uma ação de ensino em “via de mão dupla”, que integre o fazer e o refletir, redimensionando as possibilidades de ensino e da apreciação do teatro;
2. Envolver os bolsistas desde a metade do curso da licenciatura nas atividades das escolas públicas, fazendo-os conhecer os seus diversos setores, tais como o administrativo, as coordenações, as bibliotecas e os laboratórios etc., visando contribuir para o desenvolvimento de ações pedagógicas nesses ambientes;
3. Colaborar, por meio da sistematização da experiência didática, para a elaboração de novos mecanismos de ensino, tais como organização de jogos, exercícios e demais atividades, em cooperação com os mediadores;
4. Colaborar para conhecer e sistematizar itens bibliográficos específicos sobre o ensino do teatro, tendo em vista a aplicação nas salas de aula, levando-se em conta o atuar lecionando;
5. Escrever relatórios de pesquisa, relatos de observações e experiências;
6. Elaborar roteiros de experiências de atividades extraclasse, tais como visitas aos teatros, exposições, museus, levando em conta os aspectos da recepção nos diferentes contextos;
7. Colaborar para a integração dos demais alunos bolsistas do PIBID-UFBA por meio de ações específicas, como oferta de oficinas e apreciação dos resultados cênicos produzidos nas diferentes escolas;
8. Integrar e mobilizar os alunos participantes das ações pedagógicas, promovendo apresentações dentro e fora das escolas;
9. Colaborar para o desenvolvimento de ações que sedimentem o ensino do teatro e de outras disciplinas, tendo o jogo como aspecto fundamental do processo de aprendizagem.

Entre a maioria das metas, como se pode verificar, consta a atividade de apreciação. A teoria da recepção, mesmo a pretexto de certo modismo, tem ganhado especial atenção entre a abordagem teórica das artes cênicas nos últimos anos. Contudo, os aspectos relacionados a ela se desdobram e se complexificam quando se aplica ao ensino de teatro. A esse respeito, Biange Cabral (2008, p. 41) escreveu:

A complexidade da recepção teatral reside na polaridade entre sua dimensão coletiva (um grupo de pessoas assistindo a um espetáculo) e a singularidade das percepções individuais, uma vez que aqui se inter-relacionam distintas áreas do conhecimento: ética, psicologia, sociologia, filosofia (as mais comuns a qualquer processo/produto artístico).

Especialmente a partir da teoria da recepção literária e da filosofia hermenêutica, conceitos como o de “horizonte de expectativa”, cunhado por Hans Robert Jauss; de “leitor implícito” e “leitor explícito”, discutido por Wolfgang Iser; ou mesmo a noção de que não se pode conceber as partes sem o todo nem o todo pelas partes, máxima defendida por vários “hermeneutas”, o universo da apreciação das obras artísticas tem assegurado uma discussão de fôlego entre os fenômenos que se apresentam no mundo de hoje. Estes princípios têm redimensionado os modos de se fazer e de se apreciar as artes cênicas. Mas até que ponto eles alcançam a dimensão do ensino do teatro?

É muito gratificante notar, entre as discussões promovidas nos encontros do projeto PIBID, como os alunos bolsistas se envolvem com a discussão desconhecida até então. Convidados a ler, a sistematizar e a apresentar os conhecimentos presentes em textos como “A pedagogia do espectador”, de Flávio Desgranges (2002); e “A escola no teatro e o teatro na escola”, de Taís Ferreira (2006), entre muitos outros, que abordam importantes questões sobre o ato e o papel da apreciação, é como se um novo mundo se descortinasse para eles. Habitados a lidar com os manuais de jogos e exercícios comuns ao labor do ensino de teatro, a dimensão da recepção surge como um novo “tempero” no entendimento sobre o processo de ensino-aprendizagem. Especialmente quando eles percebem que a apreciação e a recepção não se restringem apenas ao fato de os alunos se dirigirem ao teatro para assistir a uma peça. Assim, são acometidos por certo entusiasmo. Perceber que um jogo proposto por Viola Spolin, a exemplo daquele largamente conhecido pelos profissionais do ensino de teatro, que, grosso modo, explora as noções de “o quê”, “o como” e “o onde” inclui os princípios da apreciação e da interpretação, num nível distinto, contribui para que este complexo universo teórico, desenvolvido especialmente através dos 400 anos da filosofia estética, adquira proximidade e se torne tangível, compreensível.

Deve-se observar que, apesar de perceberem esta dimensão, diluída no cotidiano das atividades com o teatro nas escolas, os bolsistas se empenham também em realizar as mostras de final de semestre nos auditórios das escolas, promover uma visita guiada dos alunos das escolas ao maior teatro da cidade, apresentar peças encenadas por eles envolvendo toda a escola, atividades que efetivamente caracterizam a recepção, de modo mais explícito. Empenham-se ainda em elaborar questionários a serem aplicados aos alunos, no sentido de angariar observações e convencer-se, como defendeu Cabral na citação acima, da singularidade que caracteriza cada apreciação.

Além da fruição, a imersão no processo de ensaio das mostras, a vivência na elaboração do roteiro de apresentação, que envolve os alunos das escolas e que consiste numa tendência quando se trata dos processos de ensino de teatro, assim como a concepção de figurino, maquiagem, elementos de cena, entre as várias etapas, exige um posicionamento que espelha o outro, que espelha a apreciação. E dessa forma os alunos são mais uma vez instados a se confrontarem com o fenômeno da recepção, pelo viés da produção.

A ação do PIBID neste projeto desencadeou ainda o interesse pelo ensino de teatro enquanto fenômeno de reflexão. Não raramente, é possível verificar a apropriação de conhecimento oriundo desse processo de discussão nos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs).

O relato feito até aqui pode causar a impressão de que o projeto se desenvolve sem percalços, sem sobressaltos, o que não é verdade. Mesmo conquistando o interesse dos envolvidos no PIBID, que se coaduna ao depoimento do ministro da educação, acima reproduzido, a caótica situação vivida no âmbito das escolas públicas estaduais se reflete também nos resultados do projeto. Desse modo, alguns procedimentos acabam se esfacelando, refletindo a violência que

habita estes ambientes, quase sempre de característica multifacetada. Desse modo, a recepção reflete o comportamento ditado pela violência.

Me recordo que a primeira mostra realizada pelos bolsistas com seus alunos, no auditório de uma das escolas, provocou em mim um misto de entusiasmo e estarecimento. O entusiasmo vinha pelo fato de verificar a grande ocorrência de público, interessado em apreciar os resultados artísticos dos seus colegas, numa mobilização que envolvia grupos com instrumentos musicais a cantar suas músicas preferidas e uma excitação indescritível. O estarecimento em perceber o caos, a manifestação ensurdecadora todo o tempo, a falta de colaboração, de organização interna, levando gestores e professores a ameaçarem a retirada deste ou daquele grupo, enfim uma quebra da ambiência propícia a este tipo de acontecimento. Cabe observar que o PIBID reintroduziu esta prática nas escolas, anteriormente feita de modo disperso e episódico, o que de algum modo justifica esses arroubos juvenis e esta excitação, também pelo caráter novidadeiro do evento.

O contato com o objeto artístico, que nestes casos possui características bem específicas, produzido ainda com um grau de abstração comum aos iniciantes, promove a estes sujeitos uma experiência extracotidiana, contribuindo para redimensionar as suas reflexões, o seu lugar no mundo. Como descreve Edélcio Mostaço (2008),

O objeto de arte, tal como qualquer outro produto, cria um público capaz de compreender a arte e de apreciar a beleza. Portanto, a produção não cria somente um objeto para o sujeito, mas também um sujeito para o objeto (*apud* MARX, 1973, p. 116).

Ao analisarmos a literatura produzida sobre o ensino de teatro, especialmente no que se relaciona aos aspectos ligados à sua positiva influência no ambiente escolar e no sujeito que compartilha esta experiência, nos depararemos com certa reincidência de depoimentos pessoais carregados de entusiasmo. Sobre as razões que contribuem para isto Cabral (2006, p. 12) esclarece:

Ao fazer teatro/drama, entramos em uma situação imaginária – no contexto da ficção. A aprendizagem decorrente emerge desta situação e do fato de termos de responder a ela, realizar ações e assumir atitudes nem sempre presentes em nosso cotidiano. Como consequência, não ficamos restritos ao contexto “real” da sala de aula, nem a excursões ocasionais.

Mesmo a pretexto da comprovação que se pode denominar de científica, acerca do papel do exercício da apreciação, da recepção, exemplos como os descritos nesta comunicação ainda não são tão frequentes, mesmo não sendo mais incomuns e desejáveis por grande parte das comunidades escolares do setor público.

Desde 2009, coordeno uma pesquisa realizada por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), também intitulada “Teatro e Recepção nas Escolas Públicas de Salvador”, que busca fazer um levantamento da presença do ensino de teatro nas escolas públicas estaduais e municipais da cidade, exatamente para averiguar em que medida o exercício da apreciação está presente neste contexto. Os resultados relacionados a 2010

apontam um número maior de escolas que não desenvolveram a atividade, em relação ao ano de 2009, devido à descontinuidade de projetos específicos a este fim, que tinham caráter episódico, como a exemplo do projeto denominado Mais Educação, do governo federal, mas que por motivos diversos foram interrompidos. No *site* do Ministério da Educação consta que este projeto foi criado pela Portaria Interministerial nº 17/2007, e visa aumentar a oferta educativa nas escolas públicas por meio de atividades optativas, o que justifica a oscilação.

Certamente um projeto com as características do PIBID, que permite a ação numa mesma escola por um período de dois anos, podendo ainda se estender em caso de renovação, diminui este teor episódico que acompanha a presença do ensino de teatro no ambiente escolar.

Com bastante empenho dos profissionais da área, estamos conseguindo criar um discurso que afasta os modelos que exploram o teatro como um recurso instrumental, como um adorno. A apreciação deve ter um papel determinante na contextualização do ensino do teatro, para que os sujeitos envolvidos na experiência possam compartilhar um caráter propositivo, um caráter protagonista. Como defende Desgranges (2002, p. 27):

Uma pedagogia do espectador se justifica, assim, pela necessária presença de um outro que exija diálogo, pela fundamental participação criativa desse jogador no evento teatral, participação que se efetiva na sua resposta às proposições cênicas, em sua capacidade de elaborar os signos trazidos à cena e formular um juízo próprio dos sentidos.

Por razões como as expostas até aqui é que acredito que a presença regular do ensino do teatro nas escolas, desenvolvida por estudantes que ainda estão construindo seus anseios, pode trazer bons resultados e pode adquirir uma repercussão social positiva, especialmente no que se relaciona às mudanças tão urgentes que reivindicamos para a grande maioria das escolas públicas. O projeto PIBID teatro da UFBA já agrega alguns alunos que fizeram parte do ambiente escolar, como o do colégio Manoel Novaes, durante o ensino médio, e que hoje retornam à escola na condição de docentes, com uma proposta pedagógica similar àquela que o fez escolher seu caminho profissional. E a premissa da recepção, da sedução, da relação com o outro, presente no processo do ensino de teatro, certamente pode continuar promovendo contribuições memoráveis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CABRAL, Biange. **O espaço da pedagogia na investigação da recepção do espetáculo**, Revista Sala Preta, 2008, n. 8, ECA-USP, São Paulo.
- CABRAL, Beatriz. **Drama como método de ensino**. São Paulo: Hucitec, 2006.
- DEGRANGES, Flávio. **A Pedagogia do Espectador**, Editora Hucitec, São Paulo, 2002.
- DESGRANGES, Flávio. **Teatralidade tátil: alterações no ato do espectador**, Revista Sala Preta, 2008, n. 8, ECA-USP, São Paulo.
- FERREIRA, Taís. **A escola no teatro e o teatro na escola**. Porto Alegre: Mediação, 2006, pp. 7-118.

MOSTAÇO, Edélcio. **Uma incursão pela estética da Recepção**. Revista Sala Preta, 2008, n. 8, ECA-USP, São Paulo.